

**PAISAGENS DA MEMÓRIA: A NOSTALGIA
SICILIANA EM *I VECCHI E I GIOVANI* DE
LUIGI PIRANDELLO**

**Paesaggi della Memoria: la Nostalgia Siciliana in *I
Vecchi e i Giovani* di Luigi Pirandello.**

**Landscapes of Memory: Sicilian Nostalgia in *The
Old and the Young* by Luigi Pirandello.**

LEONARDO VIANNA DA SILVA *

RESUMO: O presente artigo pretende investigar a relação entre paisagem e memória no romance *I Vecchi e i Giovani*, de Luigi Pirandello, e como essa interação se relaciona com o sujeito siciliano, analisando os casos dos personagens Mauro Mortara e Dom Ippolito Laurentano. Antes de chegar a esse ponto da discussão, no entanto, serão realizadas análises da poesia árabe-siciliana de Ibn Ḥamdīs, poeta que precisou partir para o exílio quando a Sicília fora reconquistada pelos europeus e que sobre a ilha escreveu versos cheios de nostalgia e sofrimento. A intenção aqui é restituir Ḥamdīs ao seu devido lugar dentro da literatura siciliana/italiana e observar conexões entre a sua poesia e o romance de Pirandello. Entendendo que a paisagem siciliana é resultado de uma sedimentação histórico-cultural milenar e o siciliano um sujeito nostálgico, a sua ligação com a própria terra será paradoxal: ora de apego exacerbado, ora de repulsa, relembrando aquilo que o poeta latino Ovídio immortalizara nos versos *Nec sine te nec tecum vivere possum* [Nem contigo, nem sem ti posso viver].

PALAVRAS-CHAVE: Nostalgia; Luigi Pirandello; Ibn Ḥamdīs; Paisagem; Sicília.

RIASSUNTO: La presente ricerca intende investigare il rapporto tra paesaggio e memoria nel romanzo *I Vecchi e i Giovani*, scritto da Luigi Pirandello, e come questa interazione si relaciona con il soggetto siciliano facendo un'analisi dei casi dei perso-

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
leonardoviannads@gmail.com – (ORCID:0000-0002-7714-8885)
DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i41p48-68>



naggi Mauro Mortara e Dom Ippolito Laurentano. Innanzitutto, però, realizzeremo delle analisi sulle poesie di Ibn Ḥamdīs, poeta arabo-siciliana che è partito all'esilio quando la Sicilia fu riconquistata dagli europei, e che sulla Sicilia ha scritto versi pieni di nostalgia e sofferenza. L'intenzione qui presente è di restituire Ḥamdīs al suo posto dentro delle letterature siciliana e italiana ma anche osservare il punto di contatto tematico tra la sua poesia e il romanzo pirandelliano. Visto che il paesaggio siciliano è risultato di una sedimentazione storico-culturale millenaria e che il siciliano è un soggetto nostalgico, la sua connessione con la propria terra natia sarà paradossale: non solo di attaccamento esacerbato, ma anche di ripulsa, il che ricorda i versi intramontabili del poeta latino Ovidio *Nec sine te nec tecum vivere possum* [Né con te né senza di te posso vivere].

PAROLE CHIAVE: Nostalgia; Luigi Pirandello; Ibn Ḥamdīs; Paesaggio; Sicilia.

ABSTRACT: This article aims to investigate the relationship between landscape and memory in the novel *The Old and the Young* Luigi Pirandello, and how this interaction is related to the Sicilian subject, analyzing the cases of the characters Mauro Mortara and Dom Ippolito Laurentano. Before reaching this point of the discussion, however, there will be an analysis of the Arab-Sicilian poetry of Ibn Ḥamdīs, a poet who had to go into exile when Sicily was conquered by the Europeans and who wrote verses full of nostalgia and suffering on the island. The intention here is to restore Ḥamdīs to its proper place within Sicilian / Italian literature and to observe connections between his poetry and Pirandello's novel. Understanding that the Sicilian landscape is the result of an ancient historical-cultural sedimentation and that the Sicilian is a nostalgic subject, his connection with the land itself will be paradoxical: sometimes with exacerbated attachment, sometimes with disgust, recalling what the Latin poet Ovid immortalized in the verses *Nec sine te nec tecum vivere possum* [Neither with you nor without you I can live].

KEYWORDS: Nostalgia; Luigi Pirandello; Ibn Ḥamdīs; Landscape; Sicily.

Revérberos da poesia árabe-siciliana

Nostalgia, segundo o vocabulário *Treccani*, é caracterizada pelo

“desiderio acuto di tornare a vivere in un luogo che è stato di soggiorno abituale e che ora è lontano [...]” ou, em um sentido mais amplo, *“stato d’animo melanconico, causato dal desiderio di persona lontana (o non più in vita) o di cosa non più posseduta, dal rimpianto di condizioni ormai passate, dall’aspirazione a uno stato diverso dall’attuale che si configura comunque lontano.”* (TRECCANI, 2020, on-line).

Seja como desejo ou como um estado de espírito melancólico, nostalgia – ou *saudade*, a depender das escolhas de tradução – de um determinado lugar, de um momento vivido ou de pessoa(s) distantes, temporal, espacial ou emocionalmente. Pode-se afirmar, portanto, que tal termo marca a falta, a ausência.

Nostalgia, no entanto, é um dos temas principais das poesias de Abdal-Jabbār ibn Muhammad ibn Ḥamdīs (1055c.-1133c.), século-árabe que nasceu e viveu na Sicília antes de sua reconquista pelos europeus. Embora seja nome pouco lido nos manuais de literatura italiana, a força dos versos do poeta parece ter ecoado pela tradição literária siciliana e encontrado eco em autores hoje canônicos e prestigiados, como Luigi Pirandello (1867-1936).

O esquecimento ao qual fora relegado pelo cânone seguramente não é casual, estudos contemporâneos, por exemplo, dão conta de como o projeto de construção identitária da Europa encaixa-se em um processo de atribuir ao outro não europeu estereótipos, características negativas, costumes exóticos e vícios. Ocidentais e orientais referem-se menos a nativos de posições geográficas do globo e mais a construções realizadas desde a Antiguidade por povos europeus com finalidades imperialistas (SAID, 2007). Nesse sentido, é perfeitamente compreensível as razões pelas quais Ḥamdīs fora deixado de fora da literatura italiana/siciliana¹.

A Sicília de Ibn Ḥamdīs, representada em seus textos, é a terra dos anos felizes da infância, das recordações dos campos e dos momentos felizes ali vividos, da sua gente – principalmente as suas mulheres – e uma terra fortemente ligada à sua memória afetiva. Após o autoexílio, o poeta peregrinou pela Ifríquia (região correspondente aos atuais Norte da Tunísia, noroeste da Líbia e nordeste da Argélia), antes de se fixar na Andaluzia, na corte Abádida do emir e mecenas Muhammad ibn al-Mu’tamid ibn ‘Abbâd (1040-1095), com a promessa de voltar a rever a sua terra, desejo esse que não se cumpriu em vida.

A dor e o sofrimento do poeta em muito lembram aqueles versos bastante conhecidos do Canto V do Inferno da *Commedia* de Dante, escritos apenas no século XIV, nos quais Francesca da Rimini, então condenada ao sofrimento eterno no círculo dos luxuriosos, relembra os momentos felizes do passado: *“Nessun maggior dolore/ Che ricordarsi del tempo felice/ ne la miseria [...]”* (ALIGHIERI, 2011, p. 69).

¹ Deve-se a redescoberta da obra de Ḥamdīs a Michele Amari (1806-1889), um arabista siciliano, cf. *Biblioteca arabo-sicula*, obra em 3 volumes e uma antologia de textos de poetas árabes traduzidos. Além de Amari, Leonardo Sciascia menciona Ḥamdīs em uma entrevista concedida a Marcelle Padovani, e Antonio Di Grado, em recente trabalho, discute a vocação europeia da literatura siciliana recordando o poeta século-árabe. Tanto a entrevista quanto o trabalho de Di Grado constam nas referências bibliográficas do presente artigo.

Alguns exemplos de suas poesias merecem ser reportados para confirmar a tese que defendo neste artigo: o fato de que o tema da nostalgia tratada na poesia árabe-siciliana de Ḥamdîs reverberou em criações literárias sicilianas muito posteriores, como *I Vecchi e i Giovani*, de Luigi Pirandello. A seguir vejamos um trecho do poema de número CX:

[...] Ricordo la Sicilia, e il ricordo vien dal dolore
che mi travaglia [per averla abbandonata].

E [ricordo] una dimora dove liberamente si folleggiava,
frequentata da gente di spirito.

Ma se fui bandito da un paradiso,
come posso io darne informazioni?

Se non fosse che le mie lacrime sanno d'amaro,
io crederei che esse fossero i suoi fiumi.

Risi a vent'anni per giovanile follia; piango
a sessanta per le sue colpe.

Or tu non ritener gravi i miei falli, perché
il Signor tuo è sempre il gran Misericordioso. (ḤAMDÎS, 1998, p.189-190)

Logo nos primeiros versos Ḥamdîs mostra-se consternado pela mera lembrança da pátria. Para Ḥamdîs, a Sicília é uma entidade viva, não algo estático, uma memória de algo morto; mais que uma entidade viva, um *paradiso*, do qual o poeta, no entanto, fora banido, expulso. Esse paraíso na Terra, cuja perfeição parece não ser passível de descrição, faz o poeta se questionar “*come posso io darne informazioni?*”. Das recordações daquela terra, relacionadas sempre à juventude feliz do poeta, “*risi a vent'anni per giovanile follia*”, não restam cantos de felicidade, mas sim lágrimas, lágrimas hiperbólicas as quais o poeta equipara aos rios desse paraíso.

O jogo dialético que o poeta empreende entre presente *versus* passado e infelicidade *versus* felicidade é uma constante em seus poemas. Seu objetivo é dar conta do sofrimento da perda da pátria, de ter sido obrigado a abandoná-la, junto com sua história pessoal e seus momentos felizes, conectados afetivamente à ilha mediterrânica. Pode-se afirmar que a separação da terra e a impossibilidade de deixar de cantá-la em versos cheios de sofrimento é uma marca da literatura siciliana. O siciliano é, antes de tudo, um nostálgico; o exílio que o marca – seja ele voluntário, como se faz atualmente, em busca de melhores condições de trabalho no continente, seja involuntário, por diferenças políticas, religiosas, como o que levou Ḥamdîs à península Ibérica – está presente em sua literatura de modo tão particular que observaremos a presença do exílio e seu produto na escrita, a nostalgia, no romance de Pirandello mais adiante.

Os versos de Ḥamdīs, no poema (XXVII), relembram sua terra, mas, sobretudo, Noto – cidade considerada um dos possíveis locais de nascimento do poeta, pela qual ele nutre um forte sentimento de dor pela perda:

[...] Certo, sotto l’egida di Dio, v’ha una casa in Noto,
su cui si versano nuvole pregne di pioggia.

Io me la rappresento al pensiero ad ogni istante, e per
esso verso pioggia copiosa di lacrime.

Come camela verso i figli, io sospiro per quella patria,
verso cui mi attirano le dimore delle sue pudiche fanciulle.

Ché colui che lasciò il cuore qual vestigio di una dimora,
brama di farvi ritorno colle membra. (ḤAMDĪS, 1998, p. 95)

Embora não seja certo o seu lugar de nascimento, a afetividade por Noto é evidente; o pedido a Deus de uma casa nessa localidade e que sobre a cidade “*si versano nuvole pregne di pioggia*”, demonstra não um desejo de luxo e prazeres materiais, mas uma simplicidade que, para o poeta, seria o suficiente. Contudo, uma simples memória de sua pátria lembra ao poeta da distância que os separa, causando-lhe imensa tristeza, a qual traduz-se em “*per/ esso verso pioggia copiosa di lacrime*”.

Não obstante os versos já nostálgicos, o próprio poeta não deixa dúvidas sobre o que ele deseja ardentemente, representando-se metaforicamente como uma camela, animal importante para cultura árabe: “*io sospiro per quella patria*”. Porém, o lirismo poético é suspenso brevemente para lembrar a mulher siciliana. Certamente em idade avançada, no exílio, Ḥamdīs relembra do seu passado pouco espiritual e sentimental, mas materialista, como descreve Stefania Elena Carnemolla, na introdução ao *Canzoniere* de Ḥamdīs:

La sua giovinezza, se è lecito prestare fede a quanto riferito dal dīwān, dovette in un primo momento trascorrere tra avventure amorose, tra feste e banchetti, tra schietta allegria; non spiritualità, quindi, ma materialismo; non meditazione, ma effervescenza epicurea; non vita contemplativa, ma dissolutezza nell’ubriachezza, in libagioni con apparato di coppe, canti, danze e liuti. (CARNEMOLLA, 1998, p. 59)

Já nesse período, entre os séculos XI e XII, o poeta faz menção ao caráter mágico-mitológico daquela porção de terra em meio ao Mediterrâneo: segundo Ḥamdīs, o magnetismo dessa terra e das *dimore delle sue pudiche fanciulle* o *attirano*, ou seja, o encantam. Encantar não

apenas com a acepção de envolver, maravilhar, mas também de atrair, seduzir, *enfeitiçar*. O *gallismo*² qualidade que o próprio Leonardo Sciascia (1921-1989) traz ao caracterizar o sujeito siciliano em sua interpretação do conceito de *sicilitudine* ou pelo menos as suas bases, sem sombra de dúvidas, podem ser encontradas já nesse poema de Ĥamdīs.

Após a queda do Emirado da Sicília e a sua conquista pelos cristãos, a ilha deixa de ser a mesma dos tempos de juventude do poeta; lá, onde outrora a ordem e a solidariedade davam a tônica às relações sociais, então deram lugar à desordem e às desavenças. Os versos são testemunhas das mudanças – negativas, segundo a perspectiva dos antigos conquistadores – promovidas pelos cristãos na vida da ilha mediterrânica:

CLVII – Ricorda la Sicilia e Siracusa, sua patria

[...] Si raccomandava la mia terra di non tornare alla sua gente,
onde ebbi di essa cattivo concetto, poi persi ogni speranza

e mi consolai sul conto suo quando la vidi
tollerare un male mortale, funesto.

Come no, se già è fatta segno d'ignominia, e le mani dei
Cristiani han fatto chiese delle sue moschee?

Là i monaci a piacimento fan parlare le loro campane,
sonandole mattina e sera.

Certo che se la sua guarigione sfatò la virtù di qualunque
rimedio, [non ti maravigliare]. Quante volte la ruggine sulla spada rese
inutili i forbitoi!

La fortuna tradì le città della Sicilia, che erano
propugnacoli contro i popoli possenti.

Quanti occhi per la paura stanno [ora] vegliando, i quali
prima in perfetta sicurtà riposavan tranquilli!

Veggio la mia patria vilipesa dai Rûm, essa la cui gloria, colla

2 O conceito de *gallismo* é uma clara referência ao animal, bastante conhecido em contextos rurais, cujo apetite sexual só se satisfaz copulando com várias fêmeas da sua espécie. Cf. SCIASCIA, Leonardo. *La Sicilia come metafora*: entrevista a Marcelle Padovani. Milano: Mondadori, 1997.

mia gente, era incrollabile.

[...]

Siracusa fu fatta propugnacolo; essi vanno a visitare tra
i roverti gli avelli.

Passeggian nei paesi ove i [loro] cittadini giaccion sotterra
e più non vengono alle prese col leone pugnace.

Se si aprissero quei tumuli, caccerebbero fuori dalle loro
viscere dei leoni ruggenti, ad assalirli.

Ma io vedo che quando il leone è lontano dalla macchia,
il lupo baldanzoso si aggira là dappresso. (ḤAMDĪS, 1998, p. 251-253)

Os primeiros versos evidenciam que, inicialmente, ainda havia uma esperança de a Sicília voltar ao domínio árabe após ter sido conquistada pelos normandos; porém, o desejo jamais se concretizaria e os árabes jamais reaveriam a ilha. As mesquitas muçulmanas foram convertidas em igrejas cristãs, dentro das quais os monges *Là i monaci a piacimento fan parlare le loro campane, / sonandole mattina e sera*. A menção às igrejas e aos sinos é interessante pelo fato de que, do ponto de vista histórico, a perspectiva tomada é a de um povo não europeu, cultural e religiosamente diverso.

O período no qual a Sicília floresceu sob o domínio árabe, no entanto, havia chegado ao fim; segundo o poeta, *La fortuna tradì le città della Sicilia*; os tempos de tranquilidade haviam chegado ao fim, a ordem muçulmana dera lugar à desordem cristã, e o poeta lamenta a sorte da sua terra e de sua gente que lá ficou, *vilipesa dai Rôm*, bizantinos do Império Romano do Oriente que, à época, dominavam a região da Calábria, no Sul da Itália.

A pátria do poeta, Noto, e sua gente – representados como *leone è lontano dalla macchia* – veem-se humilhados, sem poder se defender dos invasores – *il lupo baldanzoso*. A separação da terra-natal e o conseqüente sofrimento causado pela consciência de que ela jamais será recuperada, atravessaram os séculos e são, sem dúvida, as raízes desse sofrimento siciliano por não se sentir seguro tampouco dentro de sua própria ilha, sua própria cidade, seu próprio bairro, sua própria casa e, por fim, com seus próprios familiares e amigos. A perda do solo-pátrio experimentada pelo poeta siciliano e árabe Ibn Ḥamdīs o *aliena* da Sicília; a única imagem que lhe resta é aquela Sicília da infância e da juventude, ilha dos prazeres incomensuráveis e dos tempos felizes. A alienação, portanto, torna-se tão central quanto a nostalgia para a literatura siciliana do porvir.

Sem dúvidas, o deslocamento forçado do exílio deixa marcas no fazer poético do poeta árabe-siciliano, e sendo a (re)criação da identidade um processo no qual o discurso tem papel de destaque, é válido afirmar que essa identidade também se transforma a partir da experiência do exílio. O terreno, outrora firme, desfaz-se sob os pés, torna-se instável, tal qual areia movediça, e o discurso sobre a terra-natal torna-se a tentativa de reconquista da estabilidade e da identidade perdidas.

Por esse motivo, pode-se afirmar que Ibn Ḥamdīs legou à literatura siciliana versos de uma força poética única, os quais reverberaram na poesia ou na prosa sicilianas, mas que, também, subjazem toda uma tradição siciliana popular ligada ao fantástico, como bem atesta Sciascia, ao pôr em diálogo um espírito romano, *ragionevole e realista* com o espírito árabe:

Ma bisogna tornare all'eterno dialogo tra quest'anima romana e l'anima araba, che è assai più popolare e di cui si trovano tracce nelle favole e nei racconti del popolo, le novelle che ci sono giunte in dialetto. L'anima araba è un principio di creatività fantastica e surreale, zeppa di riferimenti alle *Mille e una notti*. (SCIASCIA, 1997, p. 44)

A nostalgia e a separação da terra pátria são importantes camadas do romance *I Vecchi e i Giovani*, de Luigi Pirandello: Mauro Mortara relembra o seu período de exílio em um tom poético tão pungente quanto o de Ḥamdīs; o príncipe Laurentano sofre pela anexação da Sicília ao então *Regno d'Italia* e pelo contraste entre a miséria do presente e a riqueza cultural do passado da Sicília sob o domínio de outros povos (gregos, árabes, romanos etc).

Embora morto no século XII, os ecos da poesia de Ibn Ḥamdīs chegaram até nós. O desejo do poeta de retornar à Sicília amada pode não ter se realizado em vida, mas é inegável que, através dos poetas e dos escritores sicilianos – inclusive os por vir –, o retorno poético à Sicília de fato ocorreu.

Paisagens da memória em Pirandello

Dentre os romances *pirandellianos*, aqueles que criticam a vida burguesa e denunciam a condição humana, seguramente o que mais destoa desse “Pirandello europeu” é *I Vecchi e i Giovani* – publicado inicialmente em capítulos na revista *La rassegna contemporanea*, em 1909, e depois, em 1913, em dois volumes pelos tipos de Fratelli Treves Editori, em Milão. Romance em várias camadas, uma delas nos chama atenção para este artigo: a memória e a sua intrínseca associação com a paisagem siciliana

O siciliano é tão ligado à própria terra – e nesse quesito a tradição de escritores e poetas sicilianos nos ratifica – que para compreendê-lo enquanto sujeito convém observar o meio em que nasceu e vive. Se entendemos que a identidade siciliana é fruto – não somente, mas é um fator relevante – de uma sedimentação histórico-cultural, do mesmo jeito podemos conceber a paisagem siciliana. A mesma dificuldade ontológica de definir o que significa ser siciliano

encontra-se na definição de uma(s) paisagem(ns) na qual ele se insere.

O conceito de paisagem, no entanto, é bastante controverso de um ponto de vista teórico. A pintura, a arquitetura, a geografia, por exemplo, se apropriam desse termo e o caracterizam diversamente de acordo com a perspectiva teórica adotada. É assim, também, com a literatura. E, a partir de uma perspectiva literária, Bona afirma que a paisagem

é patrimônio dos literatos, dos poetas e dos artistas que a idealizaram, interiorizaram, transfiguraram e conseguiram “ver” não apenas os seus detalhes, mas também aquela luz que não se vê apenas desvelando o invisível ou descrevendo fascinantes cadências de atmosferas. Mas também lá onde os “lugares” são “outros” em relação àqueles reais é que se tornam um ponto de interpretação mítico-simbólica da própria realidade. (BONA, 2017, p. 59)

Através da literatura, escritores e poetas fazem da paisagem não apenas pano de fundo de suas criações poéticas, mas, em muitas ocasiões, um personagem principal. Vale lembrar que a paisagem siciliana já era tema literário desde a Antiguidade, porém, é a partir do *Grand Tour*, no século XVIII, que viajantes (re)descobrem a Itália e a Sicília e, sobre a ilha mediterrânea, alimentam a imagem de exuberante, inóspita; de arquitetura e paisagens as mais diversas etc. Mas também foi através dessas viagens que foram produzidos diversos estereótipos sobre o homem siciliano: ingênuo, simpático e, ao mesmo tempo, rústico e violento. Embora seja uma temática literária predileta de poetas e escritores, a representação da paisagem siciliana nasce do olhar estrangeiro sobre a ilha. Segundo Marchese:

Spazio fisico ed insieme proiezione del proprio *substratum* culturale, delle proprie radici e della propria identità, nel suo essere e nel suo evolversi, il paesaggio di Sicilia è sempre stato visto con sospetto dai suoi abitanti che ne hanno colto, perlopiù, l’ostilità, la costrizione, l’ambiguità, volgendo sovente lo sguardo ‘altrove’, evadendo, quando possibile, in una realtà ‘altra’, generalmente lontana, antitetica, persino ‘artificiale’, anelando lasciare la campagna per le grandi e popolose città, non solo del “continente”. La contraddittoria bellezza del paesaggio siciliano ci è stata trasmessa, invece, da persone aliene all’isola, genti estranee che hanno consegnato alla storia una immagine soggettiva, spesso falsata o stereotipata, incapace di restituire, ed a volte persino d’intuire, la sua complessità socio-economica e culturale. (MARCHESE, 2006, p. 18-19)

Já com relação à função ocupada pela paisagem dentro do texto literário, Bona, por sua vez, afirma:

a paisagem pode ser pacificadora, consolatória, exuberante, árida, desértica, tranquila ou perturbadora; pode possuir tons oníricos ou pode ser a metáfora dos tormentos da existência; pode ser solar ou soturna, melancólica ou angustiante; ou também idílica, e não raramente exaltada através de fortes pontuações cromáticas. Na paisagem, o

homem acaba por inscrever a si mesmo, a sua postura em relação à vida e ao mundo, pensamentos e aspirações, fantasias e paixões, afeição e/ou rejeição pela vida. (BONA, 2017, p. 59)

Desde o início da narrativa *pirandelliana*, é possível observar referências claras a uma paisagem siciliana que é testemunha da condição a que foi deixada a ilha da Sicília logo após a Unificação Italiana. O cenário selecionado por Pirandello na maior parte da narrativa de *I Vecchi e i Giovani* é a sua terra-natal, Agrigento (então, Girgenti). Mas ela também é reconhecível em *L'esclusa* (publicado em 1901 em folhetim e 1908 em volume), em *Il turno* (1902), em *Il fu Mattia Pascal* (1904), em *Uno, nessuno e centomila* (1926) e em outros textos de prosa e de teatro. Em nenhuma outra obra é reconstruída topograficamente com tamanha precisão como em *I Vecchi e i Giovani*, texto muito próximo ao *verismo* dos conterrâneos Luigi Capuana (1839-1915) e Giovanni Verga (1840-1922). *Girgenti è, nel senso più proprio, più scientifico della parola, elemento catalizzatore della fantasia pirandelliana*, sentença Sciascia (2011, p. 43).

Enzo Laurretta, parafraseando um pensamento do escritor vienense Hofmannsthal, afirma que em Pirandello, espaço, memória e tempo estão intrinsecamente imbricados, pois o presente é tão grandioso a ponto de nele estarem contidos tantos passados (LAURETTA, 1976). Sobre essa conexão poderosa entre esses três elementos, o crítico se manifesta da seguinte maneira:

[...] uno scrittore, a volte crucciato e tormentato anche nella maniera informe dell'orgasmo, dopo di avere affondato il suo sguardo nel pozzo del passato ed aver misurato, come diceva ancora Jens, l'altezza della sua utopistica torre di sogno, si rivolge poi al presente, con occhio più sgombro: insomma, l'uomo tiene con il suo passato un dialogo che egli difficilmente riesce a spezzare e di cui non sa prevedere la fine [...]. Così egli fruga nella soffitta delle memorie non tanto per crogiolarsi nell'immutato dolore della vita, ma per rinvenire un frammento di pianto ed anche di riso che non appartenga soltanto a lui ma sia di tutti e che non possa essere fissato solo nel tempo remoto così acutamente indagato, ma al quale si riesca a dar vita fuori di quel momento e a dargli un respiro e una dimensione universale. Quando uno scrittore riesce a far questo, ha davvero compreso il valore di un messaggio da affidare agli altri, un messaggio su cui poter meditare, sentire, sognare e soffrire anche. (LAURETTA, 1976, p. 272)

Para Laurretta, portanto, o escritor que se habilita a escavar no passado de sua terra um “fragmento de choro e de riso”, não o faz somente para si, mas para uma coletividade. Nesse sentido, fica evidente a importância da análise da paisagem na obra de Pirandello e a importância que possui, não apenas para si, mas para a história do povo siciliano. E Agrigento/Girgenti é um dos lugares da memória que é dos mais importantes para o escritor, tanto para o estudo da sua obra, quanto para sua vida pessoal.

O tempo das memórias de Pirandello, de acordo com Laurretta (1976, p. 280), é aquele no qual há um frequente *dialogo dell'anima con le memorie*. Além disso,

il suo atteggiamento, tra amarezza e ironia dolente, spiega il continuo andirivieni nella grande stagione della sua vita e del tempo trascorso, l'avventuroso suo viaggio nel passato che, però, non è stucchevole oleografia, né un'indagine psicopatologica; ma piuttosto un racconto spalancato sulla realtà della vita, pronto a cogliere le amarezze, le assurdità, ma anche il senso di una condizione economica e sociale. Accade, insomma, a Pirandello quello che già era successo a Verga, quando dalla particolare situazione economica, sociale e politica della Sicilia aveva tratto alcuni importanti motivi artistici. (LAURETTA, 1976, p. 280)

A topografia de *I Vecchi e i Giovani* tem como lugares-chave a cidade de Girgenti, a vizinha localidade de Porto Empedocle, os circunstantes campos com os restos monumentais dos grandes templos antigos e as propriedades de Valsanìa e de Colimbètra. Já os ares da nova Itália unida são representados metonimicamente através das imagens de Roma capital, corrompida e degradada por escândalos políticos e financeiros. O romance se abre com a descrição da paisagem de Girgenti, desolada e abatida pela forte chuva noturna:

La pioggia, caduta a diluvio durante la notte, aveva reso *impraticabile* quel lungo stradone di campagna, tutto a volte e risvolte, quasi in cerca di men faticose erte e di pendii meno ripidi. Il guasto dell'intemperie appariva tanto più triste, in quanto, qua e là, già era evidente il *disprezzo* e quasi il *dispetto* della cura di chi aveva tracciato e costruito la via per facilitare il cammino tra le *asperità* di quei luoghi con gomiti e giravolte e opere or di sostegno or di riparo: i sostegni eran crollati, i ripari abbattuti, per dar passo a dirupate scorciatoje. Piovigginava ancora a scosse nell'alba livida tra il vento che spirava gelido a raffiche da ponente; e a ogni raffica, su quel lembo di paese emergente or ora, appena, cruccioso, dalle *fosche ombre* della notte tempestosa, pareva scorresse un brivido, dalla città, alta e velata sul colle, alle vallate, ai poggi, ai piani irti ancora di stoppie annerite, fino al mare laggiù, *torbido e rabbuffato*. Pioggia e vento parevano un'ostinata crudeltà del cielo sopra la *desolazione* di quelle piagge *estreme* della Sicilia, su le quali Girgenti, nei *resti miserevoli* della sua antichissima vita raccolti lassù, si levava *silenziosa e attonita* superstite nel vuoto di un tempo senza vicende, nell'abbandono d'una *miseria senza riparo*. Le alte spalliere di fichidindia, *ispide, carnute e stravolte*, o le siepi di *rovi secchi e di agavi*, le muricce qua e là screpolate erano di tratto in tratto interrotte da qualche pilastro cadente che reggeva un cancello *scontorto e arrugginito* o da *rozzi e squallidi* tabernacoli, i quali, nella solitudine immobile, guardati dagl'ispidi rami degli alberi gocciolanti, anziché conforto ispiravano un certo *sgomento*, posti com'eran lì a ricordare la fede a viandanti (per la maggior parte campagnuoli e carrettieri) che troppo spesso, con aperta o nascosta ferocia, dimostravano di non ricordarsene. Qualche *triste* uccelletto *sperduto* veniva, col timido volo delle penne bagnate, a posarsi su essi; spiava, e non ardiva mettere neppure un lamento in mezzo a tanto squallore. (PIRANDELLO, 2018, p. 3, grifos nossos)

O ângulo visual se alarga captando trechos da cidade que emergem das sombras noturnas, e a voz narrante investe diretamente o lugar e os objetos, parecendo seguir os movimentos

do olhar que registra uma espécie de paisagem topográfica em vetores horizontais (a grande estrada, as sinuosidades, os arrimos destruídos) e verticais, partindo do baixo em direção ao alto, partindo do mar, atravessando as praias para chegar à cidade “*alta e velata sul colle*”, “*superstite nel vuoto di un tempo senza vicende*”. Pirandello introduz o romance através do *tópos* da estrada, elemento que direciona o sistema das relações humanas dentro do sistema da natureza. Com a entrada em cena do personagem, o olho do narrador acaba coincidindo com aquele do personagem, com o seu ponto de vista. Pelas estradas “*vi si saliva per angusti vicoli sdruciolì, a scalini, malamente acciottolati, sudici spesso, intanfati dai cattivi odori misti esalanti dalle botteghe buje come antri [...]*” (PIRANDELLO, 2018, p. 64), onde a monotonia e o tédio da existência parecem interrompidos apenas pelos mexericos e pelas brigas “[...] *le giornate uguali tutte, vedendo la stessa gente alla stess’ora, udendo le solite liti che s’accendevano da un uscio all’altro tra due o più comari linguacciate [...]*” (PIRANDELLO, 2018, p. 64).

Vejam os alguns dos elementos paisagísticos do trecho acima, cujas escolhas linguístico-lexicais reforçam a ideia de desolação. O desenho paisagístico é construído através de longos períodos, repleto de expressões ricas de adjetivos provenientes de um campo semântico orientado a gerar certa melancolia no leitor e que correspondem à atmosfera da chuvosa manhã da abertura. O traçado da estrada, segundo o narrador, parece ter sido realizado com “despeito” e “desprezo”; o amanhecer era “lívido”; a cidade ainda saía das “foscas sombras úmidas” da noite “tempestuosa”; o mar estava “turbulento e encapelado”; a chuva e o vento pareciam castigo sobre a “desolação” daquelas encostas “extremas”; Girgenti, “nos restos miseráveis”, erguia-se sobre aquela paisagem, “silenciosa e atônita *superstite*”, no vazio de um “tempo sem vicissitudes”, no abandono de uma “miséria sem reparo”. As adjetivações – por vezes duplas ou triplas –, portanto, constituem um importante recurso retórico-argumentativo dentro da obra com uma finalidade muito clara: a denúncia das condições de vida na Sicília após a Unificação Italiana, numa tentativa de reescrever a recente história italiana a partir do Sul, *vera pietra dello scandalo di una mancata modernizzazione e democratizzazione dell’intero paese* (ONOFRI, 2003, p. 61).

No parágrafo inicial do romance, mais extenso que o trecho aqui destacado, é interessante sublinhar alguns elementos importantes para esta análise: a tempestade, os restos de uma estrada, as árvores secas, o silêncio de um pássaro, a lividez do amanhecer, a cidade ao alto como que abandonada, ou seja, *anche la natura è partecipe della desolazione* (CHIRCOP, 2017, p. 91).

Sobre a construção dessa atmosfera de hostilidade e ao mesmo tempo de derrota, Marchese (2006) afirma que Verga fora um dos primeiros escritores sicilianos a apresentar uma paisagem “autêntica”. E, endossando as reflexões até então aqui apresentadas sobre a paisagem siciliana, afirma que *anche in Pirandello il paesaggio appare talvolta indifferente, se non ostile, all’uomo* (MARCHESI, 2006, p. 22).

No entanto, a paisagem siciliana de *I Vecchi e i Giovani* não se caracteriza apenas por

seu descaso, abandono e hostilidade. A ela, também, são atribuídas a memória e a nostalgia, características estas que parecem ter sobrevivido através do tempo, remontando à poesia árabe, mais especificamente aquela de Ibn Ḥamdīs, poeta do século XI. Novamente, Marchese vem em auxílio aqui para endossar esse argumento: *Similmente al Verga, in Pirandello l'immagine arcana e mitica della Sicilia è appannaggio della memoria, del sogno, della nostalgia. Al contrario, nella realtà è luogo percorso dalla sofferenza e dall'abbandono* (MARCHESE, 2006, p. 23). É o que se infere a partir do seguinte trecho do romance:

Via Atenea, Rupe Atenea, Empedocle... - nomi: luce di nomi, che rendeva più triste la miseria e la bruttezza delle cose e dei luoghi. [...] Dal bosco della Civita, cuore della scomparsa città vetusta, saliva un tempo al colle, ove siede misera la nuova, una lunga fila di altissimi e austeri cipressi, quasi a segnar la via della morte. Pochi ormai ne restavano; uno, il più alto e il più fosco, si levava ancora sotto l'unico viale della città, detto della Passeggiata, la sola cosa bella che la città avesse, aperto com'era alla vista magnifica di tutta la vastissima spiaggia, svariata di poggi e di valli e di piani, e del mare in fondo, nella sterminata curva dell'orizzonte. Quel cipresso, stagliandosi nero e maestoso, dopo il fiammeggiante dei meravigliosi tramonti, su la spiaggia che s'ombrava tutta di notturno azzurro, pareva riassume in sé la tristezza infinita del silenzio, che spirava dai luoghi, sonori un tempo di tanta vita. Era qua, ora, il regno della morte. Dominata, in vetta al colle, dall'antica cattedrale normanna, dedicata a San Gerlando, dal Vescovado e dal Seminario, Girgenti era la città dei preti e delle campane a morto. (PIRANDELLO, 2018, p.132)

Descrição, segundo Lauretta (1976, p. 284), desoladora e amarga, de uma vida *piatta, monotona, sonnolenta, propria di coloro che attendono con indifferenza che altri operino per loro*. A imobilidade e a indiferença de Girgenti envolve tudo, inclusive a sua população, em um halo sombrio de resignação, o que só vem a confirmar as palavras do narrador ao chamá-la “reino da morte”. No entanto, sobre a relação entre memória e Sicília, Antonio di Grado afirma que a literatura dos sicilianos é

come il teatro della memoria, e come una trincea, un posto di vedetta da cui far squillare l'allarme su ogni sorta di mistificazione, di omologazione, di colpevole oblio. Agli scrittori di Sicilia potrebbe perciò adattarsi la definizione di “militanti della memoria”, di cui si fregiarono gli anonimi membri di quella società dei “giusti” che, nel secolo scorso, si erano assunti il compito di salvare almeno una vita dai lager nazista o, ancor prima, dallo sterminio turco degli armeni. (DI GRADO, 2009, p. 14)

Muito embora as reflexões tecidas por Di Grado versem sobre uma vocação europeia da literatura siciliana, aquelas aqui supracitadas versam estritamente sobre o caráter memoria-lístico da literatura produzida na ilha. É inegável o fato de que Sicília foi peça-chave no xadrez geopolítico de toda a imensa região banhada pelo Mediterrâneo, desde a época dos gregos, no entanto, essa “vocação europeia” atribuída à ilha talvez tenha sido o único (b)ônus que séculos de colonização legaram a ela.

Ao invés de afirmarmos que a Sicília tem uma vocação europeia – a criação de instituições políticas, como o Parlamento, ou de *topoi* literários, como a memória e o exílio –, não seria mais interessante pensarmos a partir da inversão desta proposição? Não seria a Europa que possui uma “vocação siciliana”? A intenção aqui não é buscar a origem da questão ou diferenciar e classificar o que é siciliano e o que é europeu, mas sim problematizar uma questão de pertencimento/não pertencimento e centro/periferia.

Poucas são as evidências que levam a acreditar na tese de que a Sicília e seu povo sentiam-se parte de algo maior – seja esse algo maior entendido como Itália ou Europa. A Sicília serviu, tão somente, como entreposto de controle militar para a sustentação de impérios e como colônia de exploração; a partir da Idade Moderna, a Sicília torna-se central na sustentação econômica de reinos e impérios, com o nascer do capitalismo mercantil. Após a Unificação Italiana, a situação não mudara: espólios, revoltas sufocadas violentamente, a reforma agrária que jamais veio. A Sicília, justamente por sua condição insular – uma porção de terra destacada do continente –, não se sentia pertencente a nada que ultrapassasse o mar que a circundava. Ora, devido a esse histórico, tudo leva a crer que a ilha mediterrânea possui todos os motivos para não se sentir parte de um todo; o que a literatura siciliana faz, portanto, é colocar a Sicília como centro de si, embora periferia de um todo, sempre colocando em relevo essa forte ligação de sua população com a terra-natal, sempre mediada por sentimentos muitas vezes conflitantes.

Ainda de acordo com Di Grado, parafraseando o historiador francês Fernand Braudel (2010, p. 157), a Sicília, não obstante a sua condição de ilha, “é um continente em miniatura”. Certamente pelo seu título de maior ilha mediterrânea e por recolher em si as mais variadas paisagens, é nesse *teatro della memoria* à qual

si sono avvicinate e sovrapposte etnie e culture, codici e linguaggi: alcuni presenti e vivi, anche perché evocati dai suoi scrittori, altri sotterranei e anzi rimossi. È il caso, questo, della pur fondamentale impronta araba, e cioè di una civiltà che, pur considerata – da Michele Amari a Leonardo Sciascia – il punto forse più alto della storia di Sicilia, è stata dimenticata, occultata: quella, per esempio, dei poeti arabi di Sicilia, che dall’esilio cantarono lo struggente rimpianto per l’isola, sentita come patria, nido d’affetti, spazio di civiltà. (DI GRADO, 2009, p. 21)

O resgate das raízes tem sido um movimento bastante recente dentro do cenário cultural siciliano, segundo Di Grado, e ele ressalta, como uma das raízes, aquela árabe e, não coincidentemente, cita o poeta árabe Ibn Ḥamdîs, ressarcindo-o do olvido ao qual fora relegado pela literatura italiana:

Si pensi ai versi di Ibn Hamdis, poeta arabo di Noto, sull’isola perduta per sempre: “pieni gli occhi, e vuote le mani, del ricordo di lei...”. Arabo e siciliano, il poeta esule, scacciato dalla patria-Sicilia, canta la sua struggente nostalgia per quella terra ch’era la sua, con lo stesso strazio con cui i suoi discendenti e correligionari di oggi rimpiangono, in terra di Sicilia, la loro patria nordafricana o mediorientale. Pieni gli occhi: del ricordo, appassionato e dolente, inalienabile. E vuote le mani: del possesso, perduto per sempre. (DI GRADO, 2009, p. 21)

Admitindo que a paisagem siciliana seja a representação não apenas do descaso por parte do governo central de Roma, mas também da memória, Pirandello faz, nessa representação, poucas menções à cultura árabe. Uma delas é sobre o nome da cidade – “[...] *Kerkent dei Musulmani, e il marchio degli Arabi era rimasto indelebile negli animi e nei costumi della gente*” (PIRANDELLO, 2018, p. 132) – e o quanto aquela cultura influenciara o caráter de sua gente; outra está ligada ao nome de um monumento da cidade: “*I tre proseguirono per la salita sempre più erta di Bac Bac, finché non giunsero presso la porta più alta della città, a settentrione, il cui nome, arabo anch’esso, Bâb-er-rijah (Porta dei Venti), era divenuto Biberia*” (PIRANDELLO, 2018, p. 136).

Ele recua mais ainda no tempo e representa a sua Agrigento como terra morta, cujos únicos elementos memorialísticos são os templos gregos do período da Magna Grécia (século V a.C.):

Don Ippolito Laurentano restò acceso a mirare con gli occhi ceruli intensi il magnifico panorama. Dov’egli aveva rappresentato l’incendio formidabile e la distruzione, ora s’abbandonava la pace inconsapevole della campagna; dov’era il cuore dell’antica città sorgeva ora un bosco di mandorli e d’olivi, il bosco detto perciò ancora della Civita. Le chiome dei mandorli s’erano con l’autunno diradate e, tra quelle perenni degli olivi cinerulei, parevano aeree, assumevano sotto il sole una tinta roseodorata. Oltre il bosco, sul lungo ciglione, sorgevano i famosi templi superstiti, che parevano collocati apposta, a distanza, per accrescere la meravigliosa vista della villa principesca. Oltre il ciglione, il pianoro, ove stette splendida e potente l’antica città, strapiombava aspro e roccioso a precipizio sul piano dell’Akragas: tranquillo piano luminoso, che spaziava fino a terminare laggiù laggiù, nel mare. (PIRANDELLO, 2018, p. 82)

A contemplação dos elementos naturais por Dom Ippolito – o príncipe reacionário que, não concordando com a anexação da Sicília ao Reino da Itália, exila-se em sua propriedade de Colimbètra – convida à reflexão; a paisagem transmite paz, calma, muito embora lhe recorde o passado de destruição da cidade de Ákragas. A paisagem siciliana é, ao mesmo tempo, representação fidedigna da falta de atenção dispensada pelo novo governo à ilha, mas também é produto de uma sedimentação histórica, da qual um dos substratos é representado pela visão dos templos gregos.

A paisagem siciliana representada neste romance pirandelliano é uma paisagem fortemente ligada à memória. Uma memória, porém, asfixiante e desconfortável. Os personagens admiram a paisagem e experimentam um sentimento misto de prazer, devido à beleza estética da paisagem, resultado da conjugação de elementos humanos (os templos) e naturais (o bosque, o campo, a luz etc.), e o desconforto causado pela recordação ao seu espectador do estado de conservação em que se encontra.

A percepção da paisagem por personagens menos cultos assume qualidades e espessuras diferentes nas figuras de alta cultura, capazes de reflexões e de sentimentos mais densos

e complexos. A Agrigento do Reino da Itália, para Dom Ippolito, não existe; o que existe, porém, é a memória da Agrigento bourbônica e seus lugares e personagens daqueles tempos pré-Unificação:

A don Ippolito non importava nulla dei miglioramenti arrecati alla sua città natale dalle nuove amministrazioni succedute alle decurie e agli intendenti del suo tempo. Per quanto non si desse requie nella lotta e mostrasse animo risoluto a raggiungerne il fine, non aveva più fiducia, in fondo, di potere un giorno rivedere la città, da cui s'era esiliato. La vedeva col pensiero, com'era prima di quell'anno fatale, ancora coi burgi e gli *stazzoni*, cioè coi pagliai e le fornaci nella piazza paludosa fuori Porta di Ponte; ancora coi tre crocioni del Calvario sul declivio del colle, da cui ogni anno, il venerdì santo, si faceva la predica a tutto il popolo lì adunato, e ancora con l'antico giardinetto che un suo amico devoto, il colonnello Flores, comandante la guarnigione borbonica, per ingraziarsi gli animi dei cittadini, vi aveva fatto costruire dieci anni prima della rivoluzione. (PIRANDELLO, 2018, p. 92)

Não é casual que o personagem que mais parece estar em confronto/conformidade com as sensações provocadas pela visão da paisagem siciliana seja Ippolito Laurentano. Contrariamente ao seu irmão Cosmo, o príncipe sente um desconforto muito grande; não podemos esquecer que ele, mais do que qualquer outro, por não concordar com o *status quo* e conseguir se adaptar aos novos tempos, decide exilar-se. É do exílio, preso entre um presente asfixiante onde sua classe está em vias de desaparecimento e um passado de fausto, porém inacessível a ele a não ser por seus estudos de topografia, que o personagem, fatigado, avança em direção ao olvido. Em outro trecho, Ippolito, sentado perto da balaustrada de sua *villa*, contempla:

[...] nella campagna silentissima l'ombra che man mano s'incupiva, la striscia rossastra del crepuscolo, che diveniva livida e quasi fumosa sul ceruleo mare lontano, su cui, laggiù in fondo, nereggiavano gli uliveti di Montelusa, a destra della lucida foce dell'Hypsas. In mezzo al cielo cominciava ad accendersi la falce della luna.

Don Ippolito guardò i templi che si raccoglievano austeri e solenni nell'ombra, e sentì una pena indefinita per quei superstiti d'un altro mondo e d'un'altra vita. Tra tanti insigni monumenti della città scomparsa solo ad essi era toccato in sorte di veder quegli anni lontani: vivi essi soli già, tra la rovina spaventevole della città; morti ora essi soli in mezzo a tanta vita d'alberi palpitanti, nel silenzio, di foglie e d'ali. Dal prossimo poggio di Tamburello pareva che movesse al tempio di Hera Lacinia, sospeso lassù, quasi a precipizio sul burrone dell'Akragas, una lunga e folta teoria d'antichi chiomati olivi; e uno era là, innanzi a tutti, curvo sul tronco ginocchiuto, come sopraffatto dalla maestà imminente delle sacre colonne; o forse pregava pace per quei clivi abbandonati, pace da quei templi, spettri d'un altro mondo e di ben altra vita. [...] Sonò a un tratto nel bujo sopravvenuto il chiurlo lontano d'un assiolo, come un singulto.

Don Ippolito si sentì stringere improvvisamente la gola da un nodo di pianto. Guardò le stelle che già sfavillavano nel cielo, e gli parve che al loro lucido tremolio rispondesse dalle campagne deserte il tremulo canto sonoro dei grilli. Poi vide, oltre il burrone del fiume, a levante, vacillare il lume di quattro lanterne cieche su per l'aspro greppo dello Sperone. (PIRANDELLO, 2018, p. 96-97)

Se os templos em ruínas possuem um papel fundamental, pois colocam em relevo a condição precária da Sicília de fins do século XIX, também são eles que relembram ao personagem siciliano de que sua terra viveu um período áureo: o período no qual a ilha viveu sob o domínio grego. Além dos templos, outro elemento bastante simbólico é evocado dentro desta paisagem: as oliveiras. Essas árvores que vivem centenas, por vezes ultrapassando os mil anos, são testemunhas “oculares” do que viveu a ilha desde o seu período áureo até então e, por esse motivo, pedem “paz para aqueles outeiros abandonados, paz para aqueles templos”.

A recordação de que a Sicília, um dia, viveu tempos áureos poderia ser um paliativo ao sofrimento presente do Príncipe Laurentano. Porém, essa memória não o consola, pois ela serve apenas para que ele se esconda do presente e tente a todo custo afastar a morte de si: “*pur rifugiandosi nel passato, nelle memorie e nelle fantasie, il principe non riesce ad escludere completamente il tormentoso presente e il timore della morte*” (CHIRCOP, 2017, p. 93).

A imagem do crepúsculo surge na narrativa como mote para a reflexão de um personagem que olha o espaço natural, a partir da balastrada de sua propriedade. As sombras começam a tingir os olivedos, a luz torna-se pálida e a lua surge no céu; a visão de Dom Ippolito, porém, logo se fixa sobre os templos, ruínas de um tempo de fausto da história da Sicília – época da Magna Grécia – ao mesmo tempo em que ressaltam a precariedade da atualidade. Há, nesta passagem, novamente um espelhamento entre paisagem e personagem: os templos são “espectros”, tal qual Ippolito. Ambos não são apenas ruínas do passado que sobrevivem ainda em um presente tumultuoso, mas também são testemunhas de tempos dourados que não voltarão. De acordo com Chircop:

La desolazione del paesaggio con le sue illustri rovine e l'olivo inginocchiato a pregar per la pace riflettono, sia la coscienza che il principe ha di essere il superstite di un passato per lui glorioso, sia il senso di angoscia e di morte che lo affligge e che lo spinge ad affrontare un matrimonio assurdo e a scontrarsi con una realtà avvilente. (CHIRCOP, 2017, p. 93)

O autoexílio ao qual se impõe o Príncipe Laurentano não é apenas geográfico, mas temporal e espiritual, visto que ele se ocupa também de escavações em sua propriedade da antiga cidade grega de Ákragas e, diante da menor perturbação, observa-se que ele se refugia nos seus estudos de topografia sobre a *pólis* grega:

Ancora un'altra agevolazione, e questa davvero inaspettata, e tale da fargli quasi cader le braccia, trovò, appena arrivato alla villa. Don Ippolito, sdegnato da un canto dalla sfiducia del vescovo; dall'altra al tutto disilluso dalla risposta di Lando, arrivatagli

la sera avanti da Palermo, circa alla possibilità di venire a un accordo col partito clericale, s'era rifugiato, come in tante altre occasioni, bisognoso di conforto, nel culto delle antiche memorie, nell'opera da lungo tempo intrapresa sulla topografia akragantina. (PIRANDELLO, 2018, p. 369)

A visão daqueles templos e o contraste entre o período áureo dos gregos e a condição atual da ilha, deixam transparecer um forte sentimento de nostalgia provado por Dom Ippolito Laurentano. Nostalgia das civilizações antigas que conquistaram a Sicília e nela deixaram marcas da sua presença, não apenas na paisagem, mas também na subjetividade da sua gente. Dessas civilizações antigas sobraram apenas os nomes de lugares: Colimbètra, Ákragas, Via Atenèa, Porto Empedocle; nomes esses que o narrador, também nostálgico, relembra que são *luce di nomi, che rendeva più triste la miseria e la bruttezza delle cose e dei luoghi* (PIRANDELLO, 2018, p. 133).

Outro momento em que é possível observar memória e paisagem como elementos que se interseccionam é o episódio em que Mauro Mortara, um dos *vecchi* mencionados no título do romance, conta do seu exílio para Dianella Salvo. Personagem bastante singular, de origens humildes, o “urso”, como também é conhecido por causa do seu comportamento desconfiado e do estranho costume de dormir ao ar livre para proteger os vinhedos de Dom Cosmo na propriedade de Valsania, é um clássico representante das classes populares sicilianas que aderiram ao ideal da Unificação Italiana.

O seu relato à Dianella, filha do burguês Flaminio Salvo, da sua viagem para Constantinopla e a visão da ilha se distanciando em relação ao barco que o levava ao autoexílio, recordam bastante aquele desejo de retorno à ilha de Ḥamdís:

[...] Nero, tutto nero, cielo e mare. Solo la vela, stesa, biancheggiava. Le stelle, fitte fitte, alte, parevano polvere, il mare si rompeva urtando contro i fianchi della tartana, e l'albero cigolava. Poi spuntò la luna, e il bestione si abbonacciò. I marinai, a prua, fumavano la pipa e chiacchieravano tra loro; io, buttato là, tra le balle e il cordame incatramato, vedevo il fuoco delle loro pipe; piangevo, con gli occhi spalancati, senz'accorgermene. Le lacrime mi cadevano su le mani. Ero come una creatura di cinque anni; e ne avevo trentatré! Addio, Sicilia; addio, Valsania; Girgenti che si vede da lontano, lassù, alta; addio, campane di San Gerlando, di cui nel silenzio della campagna m'arrivava il ronzio; addio, alberi che conoscevo a uno a uno... Voi non vi potete immaginare, come da lontano vi s'avvistino le cose care che lasciate e vi afferrino e vi strappino l'anima! Io vedevo certi luoghi, qua, di Valsania, proprio come se vi fossi; meglio, anzi; notavo certe cose, che prima non avevo mai notato; come tremavano i fili d'erba alla brezza grecalina, un sasso caduto dal murello, un albero un po' storto a pendio, che si sarebbe potuto raddrizzare, e di cui potevo contare le foglie, a una a una... Basta! (PIRANDELLO, 2018, p. 118-119)

O discurso do exilado constrói-se recorrendo às mesmas imagens empregadas nos poemas do poeta árabe Ibn Ḥamdís, como já visto na primeira seção. As imagens de mãos e

lágrimas e o olhar apurado sobre os menores detalhes da ilha à distância: “*come tremavano i fili d'erba alla brezza grealina*”, “*un sasso caduto dal murello*” e “*un albero un po' storto a pendio*”. O olhar parece focalizar nesses pequenos detalhes como quem tenta apreendê-los, fotografá-los com a retina. O mesmo sentimento que experimentara Ḥamdîs ao recordar sua terra da qual tivera que se exilar; os sinos de San Gerlando conectam-se com o que o poeta árabe-siciliano descreve das mesquitas que foram convertidas em igrejas, cujos sinos repicam dia e noite (ḤAMDÎS, 1998).

Mauro, ao observar do barco a sua Sicília se afastando, os sinos de São Gerlando, a propriedade de Valsania e a cidade alta de Girgenti, em muito se assemelha ao poeta árabe do século XI, ambos unidos pelo mesmo sentimento que os ligava à própria terra. Foi necessário deixar a ilha para observá-la de longe na riqueza dos seus detalhes e poder notar coisas das quais antes não se dera conta e redimensionar os sentimentos pelo solo pátrio.

Tal qual o poeta do século XI, é a perda da pátria o principal gatilho para a evocação das memórias do passado associadas a experiências próprias em determinados lugares. O relato, tanto do poeta quanto de Mauro, nesse sentido, conecta ambos em um mesmo sentimento: a dor da perda.

Dissociar, portanto, o sujeito siciliano da paisagem na qual está inserido é praticamente impossível, tendo em vista que se percebe na subjetividade siciliana os efeitos dessa paisagem, produto de uma sedimentação histórica e cultural. Paisagem e sujeito, em Luigi Pirandello, sendo assim, são elementos que se imbricam de tal forma a ponto de tornar complexo precisar se a paisagem é que forma o sujeito siciliano ou vice-versa.

Considerações finais

É possível inferir que as descrições da paisagem siciliana se movam entre dois limites extremos: o primeiro deles ligado à imagem de total imobilidade, de uma paisagem cristalizada no conceito de uma imensa e total solidão, morta, portanto, e o segundo ligado a uma paisagem extremamente dinâmica, viva, cheia de elementos naturais como oliveiras, rios e outros elementos naturais. Entre esses dois polos move-se toda a tratativa literária, mas também aquela pictórica, fotográfica e cinematográfica da Sicília e de sua paisagem.

A imagem da ilha, portanto, nasceu da coexistência de dois conceitos opostos: aquele de imobilidade e aquele de movimento, derivando disso a ideia de uma Sicília que é centro, mas também é margem, que é um sistema fechado, mas também é aberto. De que é uma terra intacta, mas também é devastada, que ao mesmo tempo é calma e atormentada, férvida, mas desolada. Uma Sicília que, no fundo, ainda aparece como algo doce e terrível ao mesmo tempo. E mesmo que pareça imóvel, surpreende porque é possível perceber, inconscientemente, que algo acontece debaixo das cinzas e que está pronto a explodir a qualquer momento. No fundo é o resumo da poética pirandelliana, que de uma cratera inativa possam ser acesas novas paixões artísticas

que despertem, de um longo sono, as capacidades adormecidas do povo siciliano.

Por fim, a forma de representar a paisagem varia sempre de acordo com o poeta ou o escritor – e, para citar apenas um exemplo, recordemos a Sicília solar de Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957), a Sicília dos silêncios impostos pela máfia de Leonardo Sciascia – e essa variedade de representações só endossam a crença de que seria a Sicília uma ilha-continente. Seja a Sicília das delícias da infância de *Hamdís* ou a da desolação de um presente perturbador de Pirandello, ambas representações realizadas partem de perspectivas diferentes cujos pontos em comum são a nostalgia e a memória.

Referências

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. Vasco Graça Moura. Lisboa: Landmark, 2011.
- BONA, Fabiano Dalla. *Paisagem de palavras na obra de Giuseppe Tomasi di Lampedusa*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2017.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização e impérios do Mediterrâneo na época de Filipe II*. Trad. Carlo Pischetta. Torino: Einaudi, 2010.
- CARNEMOLLA, Stefania Elena. Introdução. In: ḤAMDĪS, Ibn. *Il Canzoniere*. A cura di _____. Palermo: Sellerio, 1998.
- CHIRCOP, Karl. La sicilianità mediterranea nei Vecchi e i Giovani di Luigi Pirandello. *Symposia Melitensia*. Revista anual, vol. 13, 2017, p. 81-95. Disponível em: <https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/handle/123456789/19625/SymMel%2013%20-%20A10.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 02 ago. 2020
- DI GRADO, Antonio. Memoria e Utopia: la vocazione europea della letteratura siciliana. *Fragmentos*. Revista semestral, n° 36, 2009, on-line, p. 13-26. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/2175-7992.2009n36p13>. Acesso: 10 ago. 2020.
- ḤAMDĪS, Ibn. *Il Canzoniere*. A cura di Stefania Elena Carnemolla. Palermo: Sellerio, 1998.
- LAURETTA, Enzo. “I luoghi e il tempo delle memorie nel romanzo pirandelliano”. _____. (org.). *Il romanzo di Pirandello*. Firenze: Palumbo Editore, 1976.
- MARCHESE, Dora. Il paesaggio siciliano: *topos* letterario o realtà?. *Rivista di studi italiani*. Revista semestral, vol. XXIV, n° 2, 2006, on-line, p. 18-36. Disponível em: http://www.academia.edu/10405407/_IL_PAESAGGIO_SICILIANO_TOPOS_LETTERARIO_O_REALT%C3%80 Acesso: 15 ago. 2020.
- ONOFRI, Massimo. Considerazioni su “I Vecchi e i Giovani” di Pirandello. In: *La modernità infelice: saggi sulla letteratura siciliana del Novecento*. Cava de’ Tirreni: Avagliano, 2003, p. 53-84.
- SAID, Edward W. *Orientalismo*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCIASCIA, Leonardo. *La Sicilia come metafora*: entrevista a Marcelle Padovani. Milano: Mondadori, 1997.
- TRECCANI. Verbetes *Nostalgia*. Disponível em: <http://www.treccani.it/vocabolario/nostalgia/> Acesso: 02 ago. 2020.

Recebido em: 22/08/2020

Aprovado em: 15/10/2020